



O Espírita na Sociedade

Regina De Agostini

Viver em sociedade é uma necessidade para todos os espíritos (encarnados e desencarnados), pois, é no contato social que temos a oportunidade de adquirir novos conhecimentos, vivenciar experiências, trocar informações, aparando as "arestas" de nossa personalidade e concorrendo com nossas ações para o progresso geral. O espírita atua na sociedade, em todas as posições em que se encontra, seja na família, no trabalho, no grupo social buscando viver no mundo os conceitos aprendidos com a Doutrina Espírita e no Evangelho de Jesus, sem, contudo, repelir os prazeres que a nossa condição humana nos permite, conforme citado no texto "Homem no Mundo" de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Cap.XVII. O espírita vive buscando a ética cristã, a caridade, o entendimento do próximo, a conciliação, o perdão, e como foi citada na prece, buscando acender pequenos pontos, mesmo sabendo que muitas vezes não será compreendido e aceito pelo grupo social. Como não somos perfeitos nem sempre nossas ações estão de acordo com a ética máxima mas não percamos de vista que "Reconhece-se o verdadeiro espírita pelos esforços que faz para melhorar-se".

Em todos os grupos sociais é possível encontrar pessoas que pensem e ajam próxima ao nosso pensamento, às nossas emoções. Pessoas que buscam o mesmo que nós. Temos muito medo das diferenças, pois sabemos que, dentro da nossa imaturidade, ainda não somos capazes de garantir todas as posições que gostaríamos. Costumamos ouvir na Casa Espírita que as

diferenças devem somar e não dividir. Quando estamos em um grupo social, pela necessidade, é porque alguma coisa precisamos aprender e alguma contribuição podemos levar. A antipatia íntima pode ser trabalhada buscando olhar o outro com mais aceitação, aquilo que ele ainda não sabe pode ser aprendido. Da mesma forma que aprenderemos um dia a lidar com todas as situações.

Muitos acham a sociedade injusta e egoísta. A sociedade é injusta e egoísta porque nós, seus membros, somos injustos e egoístas. Nem tudo o que acontece no mundo é carma. Muitas das situações são criadas por nós pelas escolhas equivocadas que fazemos ao longo de nossas vidas. Muitas das situações que vivemos hoje poderiam ser modificadas a partir da ação das criaturas mais justa, mais humana, mais cristã. Hoje vivemos a consequência do que realizamos no passado, "o carma", mas podemos, com as ações de hoje, aliviar e amenizar muitos sofrimentos.

Paulo de Tarso diz aos cristãos de sua época que os cristãos não são deste mundo, apesar de precisarem ainda viverem nele. Exorta-os, entretanto, a viverem como se não fossem do mundo, mas de Jesus. É preciso entender o que queremos dizer como cidadãos do mundo. Penso que cidadão do mundo está colocado no sentido das prioridades que a maioria das pessoas busca realizar enquanto encarnados, dentro da visão estreita de uma vida. Somos espíritos imortais e devemos viver no mundo sem perdermos esta perspectiva. É muito difícil ainda, mes

mo com os conceitos das reencarnações bastante firmados em nossa mente, em nossa razão, vivermos sem perder esta perspectiva, viver no mundo usufruindo daquilo que o mundo tem de bom, da nossa condição humana, de conforto, mas priorizando as questões referentes ao espírito, fazendo no momento certo as escolhas de acordo com esse conhecimento.

O conhecimento da Doutrina Espírita é precioso para nossas almas, nos ajudando a vivermos com mais alegria. Estudar, compreender, alargar a nossa mente, buscando entender o Universo como a nossa casa e todos como nossos irmãos. Jesus exortou-nos a amar. Todos os nossos problemas acontecem porque ainda estamos muito longe de entendermos o que significa amar como Jesus nos amou. Incondicionalmente estudemos e busquemos aplicar em nossas vidas os conceitos espíritas e os ensinamentos de nosso Mestre Jesus.

EDITORIAL

Todos nós recebemos incumbências individuais e coletivas quando retornamos ao plano físico. Nossos compromissos individuais dizem mais intimamente respeito a nossa reforma moral, e os compromissos coletivos serão tanto mais importantes quanto sejam mais ou menos abrangentes no meio em que vivemos. Assim, a simples convivência com nossos familiares contingência nossa responsabilidade assumida.

Portanto, sejamos ou não médiuns ativos, devemos também referir aos outros compromissos, dando a mediunidade o caráter de uma ajuda no cumprimento dos compromissos, com aumentada responsabilidade, mas objeto de atenção permanente e orientada aos ditames da doutrina.

Nilo Mattoso

O verdadeiro espírita

Jamil Salomão

“O espírita é reconhecido pelo esforço que faz para sua transformação moral e para vencer suas tendências para o mal.” – Allan Kardec

O verdadeiro espírita é aquele que aceita os princípios básicos da Doutrina Espírita. Quando se pergunta ao praticante: Você é espírita? Comumente ele responde: “Estou tentando”. Na verdade, a resposta deveria ser sem hesitação: Sou espírita!!! Quanto ao fato de ser perfeito ou qualquer qualificação moral é outro assunto, que não exige o proficiente de ser incisivo na sua resposta. Nesse ponto, o praticante não tem que hesitar na sua definição, porquanto Allan Kardec foi claro no seu esclarecimento ao afirmar que se reconhece o espírita pelo seu esforço, pela sua transformação, e não pelas suas virtudes ou pretensas qualidades, raras nos habitantes deste Planeta.

O que acontece com freqüência, seja iniciante ou mesmo com os mais antigos, é que, será mais cômodo não assumir uma postura mais responsável ou permanecer com um pé na canoa e outro na terra. Admita-se até, em determinadas ocasiões que se queira dar uma demonstração de modéstia, mas, que não se justifica sob o ponto de vista de definição pessoal.

A propósito, lembro-me de ter ouvido em uma emissora de rádio da Capital um pronunciamento de um padre católico, ao referir-se aos católicos, que freqüentam os Centros Espíritas para os habituais Passes e a “aguinha fluidificada” e passam a vida sem ter a mínima noção do que representa o Passe e a água. Para esses meio-cá-meio-lá, o mencionado reverendo denominou-se de “catóritas”. Engraçado, não!?

Como chamar os espíritas que se dedicam aos trabalhos nos Centros Espíritas, mas que continuam batizando os filhos, sob o pretexto de que quando maiores escolherão sua própria religião, casam os filhos na Igreja com as pompas e as cerimônias habituais, fazem a Primeira Comunhão com as tradições da Igreja Católica, etc?

Quando os Centros Espíritas se organizarem verdadeiramente, proporcionando aos seus freqüentadores, além do Passe e da Água Fluidificada, a orientação doutrinária, para maior compreensão dos princípios básicos que devem nortear o aprendiz e os trabalhadores na Seara Espírita, certamente, o verdadeiro espírita terá uma nova postura na sociedade, mais

convicente, porque passará a distinguir o que é ser espírita, segundo a analogia explicitada por Allan Kardec nas obras básicas organizadas pelo codificador sob a orientação dos Benfeitores Espirituais.

“Solidários, seremos união. Separados uns dos outros seremos pontos de vista. Juntos, alcançaremos a realização de nossos propósitos.” – Bezerra de Menezes

A degeneração do Espiritismo

Dalmo Duque dos Santos

Comparando a história do Espiritismo com a do Cristianismo Primitivo, podemos tirar algumas conclusões importantes para o futuro da nossa doutrina e o do seu movimento social.

O Cristianismo, cuja pureza doutrinária do Evangelho e simplicidade de organização funcional dos primeiros núcleos cristãos foi conquistando lenta e seguramente a sociedade de sua época, sofreu com o tempo um desgaste ideológico. Corrompeu-se por força dos interesses políticos, financeiros e institucionais. Os novos adeptos e seus líderes, não conseguindo penetrar na essência do Evangelho, que é regeneração, ou seja, o mergulho doloroso no mundo interior e a reversão das atitudes exteriores, adaptaram o mesmo às suas conveniências psicossociais, atacando suas idéias mais contundentes à moral animalizada, alimentando os mecanismos de defesa da mente, fazendo concessões às fraquezas dos adeptos e desviando-os para o comodismo dos disfarces rituais exteriores. Repressão de forças espirituais espontâneas e idéias consideradas ameaçadoras ao clero, como a mediunidade e a reencarnação; a falsificação de tradições e a adoção do sincretismo do costumes bárbaros, foram as principais estratégias dessa clericalização do cristianismo.

O resultado de tudo isso é bem conhecido: dois milênios de intolerâncias, violências, atraso espiritual, perpetuação das injustiças sociais, agravamento de

compromissos com a lei de ação e reação e forte comprometimento da regeneração do nosso planeta.

Com o Espiritismo não está sendo muito diferente.

Apesar das advertências dos Espíritos e do próprio Allan Kardec quanto aos períodos históricos e tendências do movimento, os espíritas insistem em cometer os mesmos erros do passado. Os mesmos erros porque provavelmente somos as mesmas almas que rejeitaram e desviaram o Cristianismo da sua vocação e agora posamos de puristas ortodoxos, inimigos ocultos do Espírito da Verdade.

Negligentes com a oração e a vigilância, cedemos constantemente aos tentáculos do poder e da vaidade. Desprezamos a toda hora a idéia do “amai-vos e instruí-vos”, entendendo-a egoisticamente, ora como fortalecimento intelectual competitivo, ora como o afrouxamento dos valores doutrinários. Não conseguindo nos adaptar ao Espiritismo, compreendendo e vivenciando suas verdades, vamos aos poucos adaptando a doutrina aos nossos limites, corrompendo os textos da codificação, ignorando a experiência histórica de Allan Kardec e dos seus colaboradores, trazendo para os centros espíritas práticas dogmáticas das nossas preferências religiosas, hábitos políticos das agremiações que freqüentamos e mais comumente a interferência negativas dos nossos caprichos e vaidades pessoais.

Como os primeiros cristãos, também lutamos pelo crescimento de nossas instituições, deixando-nos seduzir pelo mundo exterior e imitando os grupos já pervertidos, construindo palácios arquitetônicos, cuja finalidade sempre foi causar impressão aos olhos e a falsa idéia de prestígio político; e dentro deles praticamos as mesmas façanhas da deslealdade, das rivalidades, das perseguições aos desafetos, da auto-afirmação e liderança autoritária, de crítica e boicote às idéias que não concordamos.

E, finalmente, cultivamos uma equívoca concepção de unificação, esperando ingenuamente que a nossas idéias e grupos sejam majoritários num Grande Órgão Dirigente do Espiritismo Mundial, do nosso imaginário, e muitas outras tolices e fantasias que nem vale a pena enumerar aqui.

E assim caminhamos, unidos em nossas displicências e divididos nas responsabilidades. Preferimos esquecer figuras exemplares que atuaram na Sociedade Espírita de Paris quando ignoramos nossa história sabiamente registrada na Revista Espírita. Deixamos de lado líderes agregadores – ainda que divergências normais e toleráveis existissem entre eles – para ouvir e nos deixar dominar por um disfarçado clero institucional, comando por vozes medíocres e ciumentas, figueiras estéreis, sofistas encantadores e improdutivos, enfim, velhas almas e velhas tendências, vinho azedo e frutas podres em nossos mais caros celeiros doutrinários.

Mas como evitar esse processo de corrupção e, em alguns casos notórios, de contaminação e má conduta? Como reverter a situação para reconduzir essas experiências para os rumos

CALENDÁRIO DE REUNIÕES, EVENTOS E ATIVIDADES DO MÊS

Reuniões Públicas:

Terças	tarde	13:00	Passes, Desobsessão
Quintas	tarde	14:00	Escola de Médiuns e Estudo da Doutrina
Quintas	noite	19:00	Passes, Desobsessão
Sextas	noite	19:00	Escola de Médiuns e Estudo da Doutrina
Sábados	tarde	14:30	Escola de Médiuns e Palestras

Reuniões Privadas:

Segundas	noite	19:00	Desobsessão
Terças	noite	19:00	Socorro aos Viciados
Quartas	noite	19:00	Saúde

verdadeiramente espíritas? O que fazer com as más instituições, com os maus dirigentes, os maus médiuns, maus comunicadores, enfim os maus espíritas? Devemos identificá-los e expulsá-los dos nossos quadros? Devemos denunciá-los e discriminá-los como fazia a Inquisição com os acusados de heresia?

O que fazer com os livros que consideramos impuros ou inconvenientes ao movimento?: devemos queimá-los em praça pública, censurá-los em nossas bibliotecas ou então deixar que a própria comunidade espírita pratique o livre arbítrio e aprenda a fazer escolhas corretas e adequadas às suas necessidades?

O Espiritismo foi certamente uma doutrina elaborada por Espíritos Superiores e isto nos deixa tranqüilos quanto ao seu futuro doutrinário. Mas o seu movimento vem sendo feito por seres humanos, espíritos ainda imaturos e inexperientes. Isso realmente tem nos deixado muito preocupados, pois sabemos que, hoje, os inimigos do Espiritismo estão entre os próprios espíritas.

**O que você gostaria de ler no
Voz de Catarina?
Dê a sua sugestão!
Passe um e-mail para**

comunica@casadecatarina.org.br
